



**XXXIII SIC** SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2021
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	Quando a violência é do outro: a masculinidade hegemônica, o agressor imaginado e a desidentificação com a violência
<b>Autor</b>	LAURA DE OLIVEIRA MOTTA
<b>Orientador</b>	NATALIA PIETRA MENDEZ

## Quando a violência é do outro: a masculinidade hegemônica, o agressor imaginado e a desidentificação com a violência

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Autora: Laura de Oliveira Motta  
Orientadora: Natalia Pietra Méndez

Dentro dos estudos e teorizações sobre as masculinidades, um dos trabalhos mais iniciais e importantes ainda hoje é do antropóloga Raewyn Connell (2005), que propõe o termo *masculinidade hegemônica* para analisar a classificação hierárquica das subjetividades masculinas dentro de um sistema de poder que pressupõe formas mais e menos valorizadas de existir no mundo como um homem. O termo inaugurado por Connell nos aponta para a existência de múltiplas subjetividades masculinas disputando espaço e afetando-se mutuamente em um cenário em que o status de hegemonia depende necessariamente da invisibilização e inferiorização das demais identidades masculinas. Os estudos voltados para a análise das masculinidades têm tentado destacar a artificialidade dessas identidades hegemônicas e nos convidado a identificar nas performances de homens violentos traços de uma masculinidade dominante. Ainda que essa estratégia tenha produzido bons resultados no que diz respeito à desnaturalização de comportamentos agressivos e colocado no horizonte a possibilidade de um exercício mais saudável da masculinidade, produziu também um entrave a ser enfrentado. Nesse trabalho, mobilizando conceitos teóricos do campo de estudo das masculinidades, o objetivo é discutir brevemente tais entraves. Jokin Carballo (2017) argumenta que, ao destacar a construção violenta da masculinidade em nosso contexto, engendramos também imagens sobre agressores e construímos um "perfil" para estes homens. Nesse sentido, a expectativa mais ou menos fixa de determinado arquétipo performável pelo agressor é perigosa à medida em que abre espaço para a dúvida quando a violência não parte de um lugar social já imaginado e esperado. Ao que parece, cada vez mais a masculinidade hegemônica vem sendo reformulada e, por isso, o perfil do agressor "clássico" torna-se cada vez mais caricaturado. Esse afastamento entre o que é esperado e o que verifica-se na realidade empurra, em função de um processo de desidentificação, a violência para o outro.